HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO

DOI: e-ISSN:2318-1540

A EXPERIÊNCIA FOTOGRÁFICA “PELES PRESENTES”: Cor(romper) as linhas abissais

THE PHOTOGRAPHIC EXPERIENCE “SKINS PRESENT”: Color (break through) the abyssal lines

Claudia Cristina Ferreira Carvalho
Doutora em Educação, Docente da Faculdade de Educação/FAED, Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro Brasileiro/NEAB da Universidade Federal da Grande Dourados.
E-mail: claudiacarvalho@ufgd.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9521-2759

Luci Ana Lima Souza
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia/UFGD, Técnica de Laboratório da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados/FACALE/UFGD
E-mail: lucisouza@ufgd.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4360-8035

Resumo: Este texto buscar apresentar a experiência do projeto de extensão, intitulado *“Exposição Fotográfica Peles Presente”*, realizado pelo Núcleo de Estudos Afro Brasileiro da Universidade Federal da Grande Dourados/NEAB/UFGD em conjunto com o curso de Psicologia e com a Faculdade de Comunicação, Artes e Letras/FACALE da mesma Universidade. A leitura tem fundamento na sociologia da imagem, a partir da abordagem epistemológica do “Sul”, teorização de Boaventura de Sousa Santos. Discute-se como tal experiência imagética de negros e negras que habitam o universo acadêmico, corrompem as configurações essencializadas que desincorpora as memórias, as

historiografias, os saberes e as existências da negritude, bem como, a fotografia se transforma em silêncios insurgentes que pronunciam enunciados estéticos-imagéticos e corrompem a lógica das linhas abissais da sociedade e do conhecimento cientifico.

Palavras-chaves: Sociologia da Imagem; linhas abissais, pós-colonialismo.

Abstract: This text seeks to present the experience of the extension project, entitled “Photographic Exhibition Peles Presente”, carried out by the Afro-Brazilian Studies Center of the Federal University of Grande Dourados/NEAB/UFGD in conjunction with the Psychology course and the Faculty of Literature and Performing Arts from the same University. In a reading of the sociology of image, based on the epistemological approach of the “South”, theorization of Boaventura de Sousa Santos, it is discussed how such an imagery experience of black men and women who inhabit the academic universe, corrupts the essentialized configurations that disincorporate memories, the historiographies, the knowledge and the existence of blackness. And, as the photograph becomes insurgent silences, they pronounce aesthetic-imagetic statements that corrupt the logic of the abyssal lines of society and scientific knowledge.

Keywords: Sociology of Image; abyssal lines, postcolonialism

Introdução

As fotografias, mais que alegorias, quando postas num caleidoscópio epistêmico descolonizador, configuram-se numa emergência de ressignificação da representação imagética da "negritude" (CÉSARIE, 2008), tal como peles que revestem as (re)existências e resistências autobiográficas dos corpos negros. Historicamente, quando se trata da produção cultural das imagens que circulam socialmente, parece ser consensual reconhecer que as representações, ora estereotipadas, ora invisibilidades e ausentes da negritude, têm sido construídas pelo olhar do "outro" não-negro como configurações essencializadas no interior do sistema de dominação colonial referenciado pelo mito da superioridade da "branquitude" (CARDOSO, 2021) como estratégia de normalização do exercício do poder cultural. Como dito por Aimé Césaire (2008,p.39): "Civilização até a medula dos ossos! A ideia de negro bárbaro é uma invenção europeia".

Os corpos negros e as subjetividades que os caracterizam, por muito tempo, na modernidade ocidental, estiveram sub-representados nas páginas amarelas da história oficial, do conhecimento científico e do direito. Chamamos atenção ao dito por Stuart Hall (2003) de que a superação do "caráter traumático da colonização" exige a construção de complexos atos de libertação descolonizadora das relações de interdependência que há entre o colonizador e o colonizado(a). E isso só é possível pela interpelação profunda das percepções e representações imperialistas, racistas e sexistas presente nas mentalidades e instituições em sociedades dominadas pelo "colonialismo interno" (CASANOVA, 2015). Ignorar essas lógicas é um instrumento de conquista e negação da verdade.

Nessa direção, no presente texto, assumimos as contribuições dos estudos críticos (des) coloniais das "Epistemologias do Sul", proposta teórica de Boaventura de Sousa Santos (2007), para abordar a experiência do *Projeto de Extensão Universitária intitulada: Peles Presentes*[2] , via exposição fotográfica realizada em 2019, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiro da Universidade Federal da Grande Dourados/NEAB/UFGD, conjuntamente com a Faculdade de Comunicação, Arte e Letras (FACALE) e com os acadêmicos/as do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas/FCH/UFGD. O objetivo central da curadoria iconográfica, tal como afirmaram seus idealizadores/as, buscou visibilizar a presença como pertença das pessoas negras no campus universitário, proposta materializada a partir da indagação: *Onde estão os negros e as negras na Universidade Federal da Grande Dourados?* Pergunta inquietante que não se esgotou em si mesma, ao contrário, suscitou a

2 Ver a exposição em formato virtual disponível em: https://portal.ufgd.edu.br/setor/neab/peles-presentes.

insurgência de enunciados estéticos-imagéticos, pronunciados por vivências em comunhão entre as subjetividades que partilham experiências de sofrimento, lutas e resiliências-resistências geridas e gerenciadas historicamente pelos regimes de dominação econômica-colonial e patriarcal.

Nos corredores da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, numa profunda conexão sintática entre imagens e textos sociopolíticos e culturais, a *Exposição Fotográfica*[3]*: "Peles Presentes"*, num silêncio ruidoso, fez com que a plurivocalidade negra pronunciasse a pertença simbólica e material junto aos espaços acadêmicos, (des)familiarizando a centralidade do *ego cogito* narcisista do pensamento único da razão metonímica que se nega a reconhecer as pluriepistemologias do mundo.

A reflexão epistemológica sobre os lugares que negros e negras ocupam na produção imagética e a consciência dela decorrente, acerca da objetificação desses(as) sujeitos(as) outrora visibilizados(as) nos processos de construção e distribuição dos conhecimentos científicos, não é por acaso, sendo extremamente necessária. Como por exemplo, o fato de que os objetos teóricos estarem, cada vez mais, atrelados aos objetivos sociopolíticos desses sujeitos sociais que reivindicam para si a apropriação dos espaços e saberes científicos nos seus próprios termos e não como corpos estranhos, reduzidos a superstições, selvagerias, resíduos, modos subalternos e hipotrofias da representação da realidade e da verdade. No âmbito acadêmico a experiência da *Exposição Peles Presentes*, configurou-se num cosmopolitismo subalterno protagonizado por inúmeros atores e atrizes:

Figura- 1 Montagem da Exposição



Fonte: Arquivo das autoras

Figura-2 imagens nos corredores



Fonte: Arquivo das autoras

3 A exposição foi constituída numa curadoria de 280 fotografias de discentes, docentes, técnicos/as administrativos/as sistematizadas num conjunto de 740 imagens.

Numa perspectiva do corpo fenomenológico que se recusa a objetificação, as fotografias da *Exposição Peles Presente* expressaram a inscrição no mundo de cada um (as) dos (as) sujeitos (as) participantes. As imagens não podem ser interpretadas apenas como algo da representação ou do exercício da linguagem, é preciso compreendê-las como um movimento político e epistemológico que demarca as relações de poder presente nos diferentes lugares de enunciação e anunciação que ocupam os (as) sujeitos(as).

Figura 3. Montagem da exposição



Fonte: Arquivo das autoras

Figura 4: Mural da FCH[4]



Fonte: Arquivo das autoras

No cotidiano universitário, no sentido do intercruzamento de olhares, ora enviesados, ora narcísico, imagens da negritude numa metamorfose se transformaram em espelhos estranhos de quem olha a si mesmo, não como um olhar construído pelo outro não-negro sobre si, mas, pelas peles que revestem um universo multifacetado e plural da memória coletiva. Se outrora, a ciência e a universidade, como espaço de circulação do saber científico, configuraram sinistros silêncios a imitirem uma alteridade arcaica colonial, hodiernamente, a exposição corrompeu tal lógica do triunfalismo imperial, cujo eco é prenhe de memórias e histórias das pessoas negras, reconstruídas em silêncios que transformam a contemporaneidade. Eco, como dito por Bhabha (2005, p.178), “ [n]a medida que um silêncio estranhamente repete o outro, o signo da identidade e da realidade encontrado na obra do império é lentamente desfeito”

4 FCH- Faculdade de Ciências Humanos

A linha de cor a romper-se: homens negros presentes

O corpo é, sem dúvida, nossa epígrafe no mundo. A pele, a materialização da carnalidade do sujeito, é aquilo que primeiro se vê e é por ela que se é visto. Contudo, as fronteiras raciais não estão somente na pele, fenotipicamente inscrita no corpo, uma vez que a construção da negritude está sempre para além dela, pois é a condição ontológica construída dentro de esquemas de inteligibilidades complexos na própria corporalidade dos sujeitos como condição de existência no mundo. Se toda subjetividade imbrica na incorporação das experiências como condição de existência, então não há subjetividade fora da juntura do mundo. Tal constatação evidencia essa dupla pertença do corpo vivido, em denúncia das abordagens essencialistas dualistas cartesianas que desincorporam a consciência.

No caso das consciências negras, tal como alerta Lewis Gordon (2008), ao parafrasear Frantz Fanon (2008), “ao entrarmos na sala a razão sai. A razão, em outras palavras, não está sendo razoável [...] Reivindicar a razão, agarrá-la, seria exibir a não-razão, mesmo diante da razão sendo irracional”. No domínio ocidental, a consciência tem sido traduzida como o resultado da submissão colonizadora ultramarina ao não-europeu. Com a afirmação, “O negro não é um homem”, Fanon (2008) nos faz indagar a respeito dos abismos a quem foram lançados os corpos feitos negações e sua impossibilidade de humanização.

> Geralmente quando a gente olha a mídia o negro é visto só nas páginas policiais, e não só isso, a gente tem quadros negros, em todos os sentidos que precisam ser visibilizados, não só colocar na página policial os negros, eu acho que essa é uma luta que a gente precisa fazer para ser visibilizados e mostrar a nossa importância tanto no meio acadêmico quanto fora do meio acadêmico.[5]

5 Alfa Diallo, Docente da Faculdade de Direito e Relações Internacionais/FADIR/UFGD)

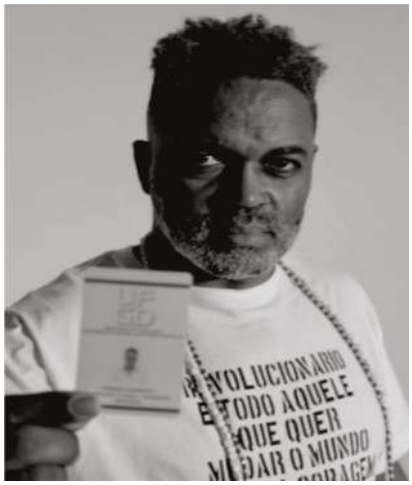
CC BY NC SA

Figura 5[6]



Apatche Ansudo Có
Graduando de Agronomia/UFGD

Figura 6



Dejair Esuynká Dionísio
Prof. Dr. em Letras/FACALE/UFGD

A presença de negros e negras nas universidades, diz muito acerca do longo caminho percorrido por homens e mulheres, nas lutas de reafirmação da sua humanidade, corrompendo as imagens de selvageria, criminalidade, delinquência e residual a que foram postos. Por isso, chamamos atenção às geografias dos homens negros no interior da universidade, presente em *"Peles Presentes"*:

Figura 7



Reille Cristovão
Graduando de Direito/UFGD

Figura 8



Vagner Almeida dos Santos
Bibliotecário-CSB/UFGD

6 Todas as fotográficas correspondentes a exposição, são de autoria de Cleverton do Carmo Arruda, Graduando de Psicologia /UFGD

O exercício da razão, da política, da auto-representação e da alta-compreensão de si, não tem sido a condição inerente a homens e mulheres negros/as. Du Bois (2021), discutindo a tese de que o problema do século XX é o problema da linha de cor, procurou esboçar o estranho significado de ser negro ao afirmar que " o negro é uma espécie de sétimo filho, nascido de um véu", "duas almas", porque no mundo colonial não é permitido a ele ter consciência de si, ver a si mesmo, pois sua condição ontológica é medida pela régua de um mundo que se diverte em tratá-lo com desprezo.

A construção da linha de cor é o que existe como abismo abissal, produzido pela violência colonial como processo civilizatório em escala mundial. De um lado, há os colonizadores, seres convertidos em opressores, preocupados em manter os seus privilégios e a defesa destes e, de outro, colonizados desfigurados, convertidos numa criatura oprimida/subalternizada e levada a cabo para sua desumanização e inexistência. Aimé Césaire (2008, p, 24) não poderia deixar mais evidente o papel da linha de cor ao afirmar que:

> Entre o colonizador e colonizado, só há espaço para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o desprezo, a desconfiança, o necrotério, a presunção, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas.

Santos (*idem*), seguindo os passos de Aimé e Fanon, acrescenta a noção de linha abissal[7] que regula duas ordens no contrato moderno ocidental e separa mundo de pessoas. De um lado estão as metrópoles e suas sociabilidades abraçadas pelo direito à negociação e à regulação; e de outro, as colônias e suas sociabilidades, onde prevalece o aparato de violência e apropriação. Se no passado presente a negritude expresso como não-SER, numa estranha simbiose, aspira ser o outro não-negro, de outro, a edificação do eu-negro, na sua condição plena de reexistências, coloca-se como algo a ser permanentemente construído, traduzido em horizontes antirracistas e anticoloniais.

7 Trata-se de linhas simbólicas e materiais gerida e gerada pelos sistemas de opressão colonial, capitalista e patriarcal que divide e separa a realidade social.

CC BY NC SA

Figura 9



Alfa Oumar Diallo
Prof. Dr. Direito/FADIR [8]

Figura 10



Giovani Urde de Andrade
Técnico Administrativo/ESA[9]/UFGD

Num jogo de luzes e sombras, o colonialismo criou imagens, narrativas e experiências disfuncionais nutridas da ambivalência e hibridização entre o colonizador (branquitude) e o(a) outro(a) colonizado(a) (a negritude), o vínculo que se constrói é, ao mesmo tempo, interdependente e dialeticamente destrutivo, disfuncional e desfigurado, porque os primeiros não oferecem aos segundos nem alteridade, tão pouco reconhecimento. A força das imagens da presença como pertença, expressa no espaço universitário é uma estratégia vigorosa que faz uso do silêncio como resistência, subvertendo os múltiplos silenciamentos a que foram colocados(as) os negros e as negras no passado presente colonial.

A performatividade das imagens

> Eu fiquei bem feliz quando soube deste projeto, porque a gente como negro estamos *(sic)* invisibilizados *(sic)* em alguns lugares, então no momento em que este projeto veio e me falaram, eu automaticamente aceitei participar. Eu achei uma experiência bacana e acho que poderia continuar esse projeto. Ser negro na universidade é você ser olhado como um ser extraterrestre, porque alguns acham que esse meio universitário não pertence ao negro e não pode ser um lugar de negro,

8 FADIR- Faculdade de Direito e Relações Internacionais
9 ESA- Assuntos Internacionais da Universidade

> então isso tem que ser combatido. A gente faz parte da sociedade brasileira, e a gente tem que participar efetivamente desse meio acadêmico, somos minoria no meio acadêmico, no meio universitário, mas a gente tem que lutar para aumentar isso, e as conquistas a gente merece essas conquistas[10].

Como estratégia de reconquista territorial, as fotografias espalhadas pelos espaços arquitetônicos [físico e simbólico] universitários convidaram aos enviesamentos dos olhares como um encontro afetivo e sensorial, reunido no desejo dos corpos-negros de traçarem outras rotas de (re) existências, em contraposição à crise da humanidade produzida pelo tráfico transatlântico que fez dos corpos negros a representação social do humano inferior, residual e a-histórico, como uma coisa depreciada pelos brancos.

> Eu fiquei apaixonada, deslumbradíssima, quando vi as fotos, e saber que aquelas fotos iriam para os corredores da UFGD, ah(espanto) meu Deus! Como seriam a cara dos nossos colegas, dos nossos amigos, nossos professores ao ver as nossas fotos nos corredores, todos os dias, no período, acho que ficou uns 30 dias? Foi incrível, eu recebi tantos elogios, eu tenho certeza que meus amigos também. A experiência foi incrível, saber que a gente assim, estamos tomando lugar no espaço. Que a gente faça “olha eu tô aqui, esse é meu lugar![11]

As imagens confrontaram a memória de violências corporalmente inscritas, também carregaram uma junção de estética-ética situada entre a criação artística e a reflexão conceitual e política. Subverteram as lógicas dos dilemas coloniais que ainda assombram o presente, que marcaram a relação dos olhares entre brancos e negros/as. O olhar não expressa um passado comum de memória e representação. Ao contrário, na sua condição política, o olhar se configurou como ato de distinções abissais, pois o passado comum da negritude e branquitude não significou partilhas equitativas. Infelizmente, o presente está repleto deste passado traduzido na produção de formas híbridas de discriminações raciais. Chamamos atenção às imagens da exposição:

10 Alfa Diallo, Docente da Faculdade de Direito e Relações Internacionais/FADIR/UFGD
11 Maria de Lourdes Santos, Docente da Faculdade de Educação/FAED/UFGD.

CC BY NC SA

Figura 11



Juliana Pietra
Graduanda de Medicina/UFGD

Figura 12



Wagner Farias Torres
Mestrando Educação e Territorialidade/FAIND

No regime de escravidão, o olhar fixo dos (as) escravizados (as) para os seus "senhores", era considerado insolência, uma confrontação à dominação autoritária dos(as) brancos(as). O olhar não se reduzia a uma ação fisiológica, mas, um ato político a reivindicar para si o poder, o direito de ser igual ao outro para quem se olha, denunciando a ambivalência não dialética da alteridade desigual entre sujeitos. Os (as) escravizados (as) foram privados (as) de seu direito de olhar pelas políticas das relações raciais, a devorar corpos e culturas sem que existisse uma redistribuição imaginária e real dos lugares dos sujeitos que têm o poder (os que olham e consomem) e dos que não têm (os que são vistos e são mercadoria de olhares (HOOKS, 2019).

Figura 13



Cleverton do Carmo Arruda
Graduando de Psicologia /UFGD

Figura 14



Samuel dos Santos
Graduando de Economia/UFGD

A representação, como construção da noção de raça e negritude pelo olhar branco-colonizador, configurou-se sempre numa imagem totalizante de um ente subordinado(a) subalternizado(a) no interior de um sistema de dominação através do corpo. Em diálogo com a "Sociologia da imagem" de Silvia Cusicanqui (2015, p.23), é possível afirmar que a exposição imbricou num processo de descolonização do olhar que consiste em libertar a visualização das amarras da linguagem e de reatualizar a memória da experiência como um todo indissociável, em que se fundem os sentidos corporais e mentais"[12]. Convidamos à observação do olhar:

Figura 15



Dra. Claudia Cristina F. Carvalho
Docente, FAED/NEAB/UFGD

Figura 16



Luci Ana Lima Souza
Técnica de Laboratório, FACALE/UFGD

As fotografias interpelam o estatuto de quem olha e é visto, representaram um construtor histórico a reivindicar para si a pertença nas territorialidades dos saberes, do conhecimento, das ciências, das artes e da justiça social, pronunciando as palavras em seus próprios termos, anunciaram as reconfigurações daquilo que Aimé Ceisaré (1971) designou como "negro positivado". Neste sentido, chamamos atenção ao depoimento que seguem:

> Quero deixar aqui meu agradecimento à Professora Cláudia Carvalho, à Professora Carla, que me fizeram o convite, e aos demais membros/as da equipe do NEAB/UFGD, foram incríveis, impecáveis, delicadíssimos, negros e negras valentes! (risos). Eles falaram: "ah Cris, vamos participar, a gente vai ter uma semana aí sobre

12 Tradução livre das autoras.

> a nossa história de mulheres e homens negras e negros, vamos fazer com que sejamos vistos" *(sic)*. Eu aceitei felicíssima da vida. E veio uma expectativa, uma ansiedade. Como é ser fotografada? Que roupa eu vou usar? Como vou usar minha maquiagem? E não era nada disso. Chegando lá, fui recebida carinhosamente pelo Cleverton, que é um fofinho. Olhar para o rostinho de cada acadêmico e acadêmico que estava ali esperando sua vez, feliz da vida, tão à vontade, e eu toda colorida, a minha beleza estava aqui ó(apontando para seu rosto), era eu sendo eu, preta!

Os processos históricos coloniais marcam o drama de reconhecimento da humanidade do povo negro no interior da razão instrumental da democracia moderna ocidental imperial-colonial. E, nesse cenário, a consciência negra passa a ser uma consciência corrompida pela crença na falsa democratização racial, pela política estrutural da miscigenação e pela coisificação dos seus corpos. Neste sentido, Merleau-Ponty (2012) nos ajuda a sustentar a tese de que todos os saberes são feitos e constituídos na carne, de que todo conhecimento que existe, produzido no mundo, é construído por homens e mulheres concretamente situados e é a partir desses corpos que todo conhecimento se produz.

Não acidentalmente, as Epistemologias do Sul referem-se aos conhecimentos incorporados na consciência da ação política, experiências nascidas das lutas emancipatórias de justiça social e cognitiva. Se a racionalidade moderna ocidental assentou na razão monocultural do saber a negar a pluriepistemologia do resto do mundo e a produzir formas sistemáticas de inexistências; então, é preciso atenção aos alertas do "perigo da história única" (ADICHIE, 2009), que desincorporou o (a) sujeito (a) negro (a) situando-o(a) fora de uma consciência. Nesse sentido, também é possível identificar, na exposição fotográfica, a ruptura com a monocultura da indiferença, além de materializar a ecologia de saberes que há na união das reflexões científicas e outros saberes não-científicos, a corromperem a lógica das "epistemologias ausentes" para as "epistemologias dos agentes ausentes" (SANTOS, 2013).

Cheikh Diop (1974) e Mudimbe (2019) auxiliam nas reflexões acerca da construção dessa consciência negra incorporada, ao denunciarem as bibliotecas coloniais com suas gramáticas epistemicidas e desmistificarem o eurocêntrismo, os universalismos e as abstrações que desincorporam os sujeitos afrodiaspóricos e produzem narrativas da África como um constructo inacabado, primitiva, sem historicidade, sem tecnologias ou sem conhecimento. A presença da performatividade fotográfica auxilia na afirmação de que ignorar os falsos universalismos, as abstrações que desincorporam os sujeitos afrodiaspóricos e seus descendentes, a raça-racismo e o sexismo como instrumentos de conquistas é simplesmente a negação da verdade.

CC BY NC SA

A linha do sexismo cor-roída: mulheres negras presentes

É perceptível que os lugares e as funções que as mulheres negras têm ocupado no cinema, nas telenovelas, nas revistas e na ciência têm sido a presença ausente, como estratégia da perpetuação da supremacia branca. Na maioria das vezes, uma experiência falocêntrica, na qual as mulheres ao serem vistas e desejadas são sempre as mulheres brancas[13]. Neste sentido, chamamos atenção para as fotografias das mulheres, em *"Peles Presentes"*:

Figura 17



Héudia da Costa
Graduanda em Psicologia/UFGD

Figura 18



Célia Regina da Silva
Porteira/FACALE/UFGD

A raça, a classe e as relações sexuais influenciaram na forma como as posições dialógicas dos (as) sujeitos (as) foram preenchidas, existindo a clara imbricação entre colonialismo (racismo) e heteropatriarcado (sexismo). A divisão racial-sexual do trabalho[14], gestado nas condições escravocratas institucionalizou o sexismo como par do racismo e como força opressora, também, como ordem social e política, numa desvalorização sistemática da feminilidade negra. Sistemas de opressões, interseccionalizados com classe, raça, gênero e outras discriminações, que operam de modo não apenas interconectados, como retroalimentados e estruturados por sobreposições de exclusões materiais e simbólicas que

13 A branquitude, como sistema de opressão, é um tipo de epistemologia que tem como premissa a produção sistemática do sofrimento humano para se manter hegemônica.

14 Lélia Gonzáles (1969) é pioneira em interpretar a dupla articulação que há entre o racismo e o sexismo.

asseveram particularmente os corpos das mulheres negras. E isso é, também, parte da imagética das representações raciais-sexista nas diversas linguagens (verbal, não-verbal) marcadas pelos estereótipos de “boa aparência”.

Se a raça influencia na construção de imaginários implicados na relação do olhar, o sexismo corrobora na construção das percepções das mulheres negras como um espelho de segunda mão e isso tem a ver como a violência simbólica de normalização da branquitude eurocentrada como padrão de beleza universal, difundida pelas teorias científicas evolucionistas da eugenia e dos valores sociais associados a políticas que caracterizam uma sociedade deformada pela ideia de supremacia branca. E, quando associado aos processos coloniais do olhar pelo viés patriarcal faz do homem (branco), que olha e vê a si mesmo, um espectador radicalmente diferente das mulheres e isso tem uma diferença ainda maior quando se trata de mulheres negras.

Neste sentido, destacamos o depoimento de uma das participantes da exposição:

> Participar do Projeto Peles Negras Presente foi importante por tornar visível os negros (que aceitaram participar) que circulam por diferentes espaços dentro da Universidade, sejam eles técnicos, estudantes, docentes ou profissionais terceirizados. E, o mais importante que não é apenas se mostrar negros e negras, mas ações como estas possibilitam que nós negras possamos cada vez mais nos enxergamos como somos: negros (pretos e pardos) e, levar outros negros e negras a fazerem o mesmo e não nos escondermos nestes ambientes. Identificar-se pertencente a um grupo étnico é algo muitas vezes difícil, passa as vezes por um processo de negação construído e/ou imposto pelo olhar do outro. Precisamos nos olharmos mais, mostrar a nossa cara/rostos, nossos lábios com e sem cor, nossos cabelos crespos, nossos blacks, nossas tranças e nossos turbantes em diferentes espaços e, claro também na Universidade. E, isso é representatividade[15] .

A participação feminina na exposição reflete os alertas de Bell Hooks (*idem*, p.240), quando ela afirma que “ao olharmos e nos vermos, nós mulheres negras nos envolvemos em um processo por meio da qual enxergamos nossa história como contramemória usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro”. É essa tentativa de (re) inventar um mundo para si que as participantes da exposição reivindicaram com seus cabelos crespos e suas peles negras:

15 Maria de Lourdes dos Santos, profa. Dra. Sociologia, da Faculdade de Educação/ FAED/UFGD.

Figura 19



Elizangela de Sousa
Técnica Administrativa- COGRAD/UFGD

Figura 20



Maria de Lourdes dos Santos
Profa. Dra. Sociologia/FAED/UFGD

A experiência emancipatória é vivida no corpo, pois as resistências e resiliências não são constituídas fora do sujeito que as vive concretamente e isso foi perceptível durante o trabalho de co-criação da exposição, coletivamente fortalecido pela reciprocidade, co-operação, mutualidade e complementaridade. Demonstrou-se a semente da insurgência e rebeldia que só aqueles que estiveram por muito tempo silenciados e subalternizados conseguem carregar, uma ação de interesse comum que revela uma “ecologia de saberes” (SANTOS, 2007) e de corpos que se recusam a ser, sentir e auto representarem com trans-crições de linguagens e termos do opressor.

Figura 21



Amanda Sena Peres Pessoa
Menstranda em Sociologia/UFGD

Figura 22



Leticia dos Santos Correa
Graduando de Ciências Sociais/UFGD

Na atualidade, a presença das gerações de mulheres negras nas Universidades Públicas Brasileiras tem sido significativa. Em grande medida, resulta dos efeitos da implantação das *Políticas de Ações Afirmativas*, aqui entendidas como um conjunto de políticas públicas e privadas que visam a reparação de injustiças históricas produzidas pelo patriarcado, colonialismo, capitalismo e as diversas discriminações por eles geradas da ordem de classe, gênero, sexualidades, geracional e deficiências. São ações aplicadas às áreas sociais, educativas, saúde, trabalho, cidadania, juventude, etc. Sem dúvida, uma das ações mais significativa tem sido a Lei n. 12.711/2012, conhecida como *Lei de Cotas* que garante que 50% das vagas nas universidades sejam destinadas às (os) egressos(as) das escolas públicas e, em seu bojo, reserva vagas para negros/as.

A presença das mulheres negras nos mais diversos cursos de graduação e pós-graduação nas universidades, não apenas na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), mas, em todo pais, diz muito acerca das *"Insubmissas lágrimas de Mulheres"*, nos termos empregados por Conceição Evaristo (20016), representadas nos modos como as identidades e subjetividades de cada uma das fotografadas cor-(roeram) as cordas das linhas abissais forjadas na histórias da destruição da sua dignidade humana, outrora, manifesta na secular desvalorização sistemática da feminilidade negra, no rebaixamento dos seus corpos pela hiper-sexualização materializada na naturalização do símbolo da mulata, a esconder o véu das violações dos seus corpos, estereotipadas pela exploração sexual e pela brutalidade da sua força de trabalho escravizada. Mesmo no pós-abolição, continuam trabalhadoras precarizadas na figura das "empregadas doméstica". Portanto, a chegada à universidade é cor-roer as linhas abissais e anunciar a possibilidade de linha pós-abissal em co-presença de igualdade para quem esteve/a durante muito tempo presa às linhas das exclusões.

Palavras de um inacabado fim

Na perspectiva de uma interpretação da Sociologia da Imagem, a urgência da consciência se politiza nas relações do olhar. Se no passado-presente colonial os olhares de si dos (as) negros (as) eram representações embranquecidas da negritude, os olhares negros para si foram criticamente sendo construídos no interior das lutas sociais, como uma disputa de narrativas por uma consciência politizada das relações de poder presente no ato de olhar.

CC BY NC SA

Em tempos atuais, as lutas de homens e mulheres, negros e negras, pela presença de si fora das representações estereotipadas de suas imagens, seja pela via fotográfica, cinematográfica, revistas, programas televisionados ou redes sociais, ainda é um desafio a ser superado. Ainda é possível visualizar uma violência sem limites das representações da negritude produzidas pelos impérios coloniais, através da dimensão da palavra performativa carregada de nostalgia colonialista e fantasmagórica das mentalidades coloniais, além de a negação do racismo estrutural que dentro e fora da universidade é um fato concreto.

Ao longo do texto, procuramos evidenciar o deslocamento das obras do império colonial para a convocação de reflexão sobre as muitas lutas travadas na forma de insurgência dos silêncios míticos, nessa direção, as imagens da *Exposição Fotográfica Peles Presente* na UFGD protagonizaram a potência das narrativas que transforma em triunfalismo o nosso imperialismo em silêncio.

Referências bibliográficas:

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma única história*. Tradução de Eri a Barbosa. Disponível em: http://www. ted. com/tal s/lang/ptbr/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story. html. s/d. Tradução disponível em: http://www. google. pt/url, 2009.

AMADO, J.; CASANOVA, Pablo González. *Colonialismo interno (uma redefinição)*. BORON, AA; GONZÁLEZ (Org.). A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, p. 395-420, 2006.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CARDOSO, Lourenço. *O branco ante a rebeldia do desejo.* Curitiba: Appris, 2020.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020. 136 p. Revista Eletrônica Interações Sociais, v. 4, n. 2, p. 131-135, 2020

CUNHA, Teresa. *NeverTrustSindarela: Feminismos, Pós-Colonialismos, Moçambiquee Timor-Leste.* Coimbra: Almedina, 2014.

CUSICANQUI. Silva Rivera. *Sociología de La Imagem – Miradas Ch”ixi desde la história andina. In* Revista Buenos Aires: Tinta Limon, 2015.

CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe- Postcolonial Thought AndHistorical Difference.* Princeton: University Press Published by Princeton University Press, 2000.

DIOP, Cheikh. *The African Origin of Civilization: Myth or Reality.* Chicago: Lawrence Hill & Co., 1974.

DU BOIS. W.E.B. *As Almas do Povo Negro*. Tradução Luciano Feijão. São Paulo: Veneta, 2021.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de Mulheres.* 3. Edição. Rio de Janeiro: Editora Malê. 20016.

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas.* Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GORDON. Lewis R. Prefacio *in*. FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas.* Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais.* Editora UFMG: Belo Horizonte, 2003.

HOOKS, Bell. *Olhares Negros: Raça e Representação.* São Paulo: Editora Elefante, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o Invisível.* São Paulo: Perspectiva, 2012.

MUDIMBE, Valentin Yves*. A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento.* Editora Vozes, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Gramática do Tempo: Para uma nova cultura política.* 3ª edição, Editora Cortez. São Paulo, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.* Novos estud. CEBRAP (79). 2007

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do Império Cognitivo***.** Editora Almedina. Coimbra/ Portugal 2018.